

**PESQUISA/** Estudo global Education Monitor 2026 revela que, apesar do otimismo, maioria dos brasileiros vê pobreza, desatualização curricular e falta de segurança como grandes entraves para os jovens

# Futuro promissor? Brasileiros estão divididos

» GABRIELA SANTOS\*

Uma geração que cresce cercada por profundas transformações tecnológicas, mas que ainda esbarra em barreiras históricas de desigualdade e insegurança. Esse é o retrato desenhado pelo estudo global Education Monitor 2026, realizado pelo Institut Public de Sondage d'Opinion Secteur (Ipsos) em 31 países, na plataforma on-line Global Advisor, entre 19 de junho e 3 de julho. A Ipsos entrevistou um total de 23.537 adultos entre 16 e 74 anos. A amostra do Brasil é composta por, aproximadamente, 1.000 indivíduos. Os dados revelam que, no Brasil, o otimismo em relação ao futuro convive lado a lado com o ceticismo sobre as oportunidades internas e a preparação do sistema educacional para um mercado de trabalho em rápida mutação.

Enquanto 39% dos brasileiros acreditam que jovens de origem mais pobre têm um futuro promissor, 54% discordam. Para o professor da rede pública Roberto Anunciação Antunes, o caminho para a mudança só existe possibilitando aos alunos das escolas públicas um verdadeiro aprendizado que seja uma catapulta ao conhecimento eficiente e que dê conta das transformações incessantes dos nossos dias.

Enquanto a saúde mental lidera como a principal preocupação global em relação aos jovens (33%), no Brasil o cenário é ditado pelas condições materiais. Para 43% dos brasileiros, a pobreza e a desigualdade socioeconômica são os maiores obstáculos enfrentados pela juventude. O índice coloca o país no mesmo patamar de outras nações do Sul Global, como a Argentina (48%) e a África do Sul (43%). Essa disparidade reflete diretamente na percepção de mobilidade social.

Para a estudante Sarah da Sil-

Arquivo pessoal



**Olivia Gentil: "É importante desenvolver autonomia"**

va de Holanda, 18 anos, da rede pública de ensino, infelizmente, a crença de que jovens pobres não têm um futuro promissor é verdadeira, pois muitos deles precisam largar o sonho de entrar em uma faculdade, ou de investir no próprio negócio. "Para mim, vale a pena buscar o ensino superior, porém não posso negar que, quando faltam coisas básicas em casa, tenho vontade de não estudar para entrar na faculdade, mas sim para trabalhar imediatamente", relata.

Apesar das dificuldades, o brasileiro mantém uma dose de esperança: 56% acreditam que os jovens terão uma vida melhor do que a de seus pais, superando a média global de 48%. No entanto, essa melhora parece, para muitos, depender de uma passagem de ida: 61% dos entrevistados avaliam que a juventude teria melhores oportunidades se emigrasse do Brasil.

Em um cenário diferente do de Sarah, a aluna do ensino médio da Escola Eleva Brasília, Olivia Gentil, atrai-se por mercados internacionais. A jovem quer estudar Fashion Business nos Estados Unidos ou na Europa, em uma cidade com uma indústria de moda forte. A ideia é passar aproximadamente

Arquivo pessoal



**Sarah da Silva aponta dificuldades enfrentadas pelos jovens pobres**

quatro anos fora durante a faculdade, vivendo a experiência completa de estudar em outro país. "Eu acredito que ter contato com grandes centros da moda e com uma indústria mais internacional pode ampliar minha visão e minhas oportunidades profissionais", argumenta. Seu plano de carreira se inicia com a graduação internacional, a qual a jovem vê como um investimento em sua formação e no seu futuro profissional: "Apesar de ser um investimento alto, acredito que estudar fora pode proporcionar experiências que vão além do conteúdo acadêmico."

O professor Roberto Anunciação analisa que, de fato, o valor social e simbólico do diploma decaiu muito. "Os novos tempos exigem objetividade, fazer mais em menos tempo, e a obtenção de um diploma parece requerer muito tempo para eles — elementos de uma sociedade onde tudo é processado instantaneamente", pontua. Ademais, ele também afirma que as baixas remunerações de diversas profissões corroboram para essa percepção de que o diploma não é tão importante: "Por não garantir mais um emprego bem remunerado, perde-se em oportunidade e qualificação."

Arquivo pessoal



**Roberto Anunciação alerta para o ritmo insano das transformações**

Esse descompasso ganha contornos mais complexos quando analisada a adequação do ensino básico. Apenas 42% dos brasileiros sentem que o currículo escolar atual prepara os estudantes de forma adequada para as carreiras do futuro. A segurança, tanto física quanto digital, é um ponto crítico no país. Apenas 30% consideram o Brasil um lugar seguro para os jovens, e somente 32% avaliam os ambientes virtuais como seguros.

A reação da população brasileira em relação às tecnologias no cotidiano infantojuvenil é de extrema cautela e divisão, conforme apontam os dados sobre o tema. No cenário das redes sociais, 67% dos brasileiros apoiam o banimento do uso para menores de 14 anos, tanto dentro quanto fora das escolas. Já em relação à Inteligência Artificial nas salas de aula, a opinião pública se mostra fragmentada: 30% defendem a proibição de ferramentas como o ChatGPT, enquanto 42% são contra o banimento e 28% não sabem opinar.

A percepção geral sobre a qualidade da educação no Brasil ainda é majoritariamente negativa. Embora o índice de aprovação ("bom") tenha subido para 32%,

mostrando recuperação frente aos 28% de 2025 e 26% de 2024, a maior parcela dos brasileiros (43%) ainda classifica o sistema educacional do país como "ruim". O patamar nacional fica distante de referências globais como Singapura, onde a aprovação da educação atinge 74%.

A internacionalista Vanessa Caixeta estudou grande parte da vida em escola pública e, no ensino médio, formou-se em um colégio particular por intermédio de uma bolsa de estudos. Depois, por meio do ProUni, cursou relações internacionais. "Quando estudava em escola pública, muitas vezes não tínhamos aulas porque o professor faltava, ou tinha greve, ou não conseguia prestar atenção porque era uma bagunça a sala de aula, ou o material estava em péssimas condições", relata.

Como bolsista, Vanessa tinha acesso ao ensino básico, mas observava que os colegas tinham cursos de idiomas, preparatórios para o vestibular e aulas de suporte: "Sempre me perguntei que chance uma pessoa que só pôde estudar a vida inteira em escola pública tem no mercado de trabalho contra esses jovens privilegiados que pagam fortunas por educação."

O professor Roberto Anunciação conclui que todos os países que são hoje referência em educação têm um grande ponto em comum: "Só evoluíram no momento no qual tornaram a educação uma efetiva prioridade em seu desenvolvimento enquanto nação."

Os dados do Education Monitor 2026 deixam claro que o debate sobre o futuro dos jovens brasileiros não pode ser dissociado de reformas estruturais que garantam segurança, equidade e uma atualização curricular profunda, capaz de conectar as salas de aula às exigências do século 21.

\*Estagiária sob a supervisão de Ana Sá